

88- Musicoterapia: ressignificando o ato pedagógico. Sandra Rocha do Nascimento/GO¹ e Leomara Craveiro de Sá/GO.²

RESUMO: Atualmente, há um aumento dos casos de adoecimento do professor, que apresentam quadros psicopatológicos, estresse, depressão, absenteísmo, entre outros. Este estudo, vinculado a uma pesquisa em desenvolvimento num Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação, trata de questões relacionadas à Educação Inclusiva e de como a Musicoterapia pode ser inserida nesse contexto, focalizando, principalmente, a capacitação do professor. Os seguintes aspectos são ressaltados: o auto-conhecimento do professor; o desenvolvimento de uma escuta diferenciada; a ressignificação das práticas docentes; e a mudança do olhar na inclusão. De caráter qualitativo, a pesquisa encontra-se na etapa de coleta de dados. Efetivou-se um estudo-piloto, com o objetivo de estruturar, testar e replicar algumas técnicas musicoterápicas, tendo como suporte a Educação de Laboratório (ARGIRYS apud MOSCOVICI, 1985), a concepção de Musicoterapia na área das práticas ecológicas (BRUSCIA, 2000) e teorias da Educação sobre a formação continuada (SACRISTÁN, 1995). Foram trabalhados, por meio de vivências musicoterápicas, grupos de professores que atuam no ensino público. Existe, segundo seus relatos, um sentimento de despreparo quando se trata de Educação Inclusiva. Esta pesquisa parte de alguns pressupostos: a música como terapia pode auxiliar no processo de valorização do "sentir", num mundo marcado por uma cultura de dessensibilização; enquanto fenômeno que "toca" a essência do ser humano, a música pode intermediar processos de transformação intra e interpessoais nos contextos educacionais minimizando os efeitos das dificuldades inerentes à prática docente inclusiva.

Palavras-chave: Musicoterapia na Educação; Formação Docente; Auto-conhecimento; Inclusão.

¹ Musicoterapeuta, Coordenadora e Supervisora-clínica de estágio do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/FE/UFG E-mail: srochakanda@hotmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica/PUC-SP; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música; Conselheira no Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com

89-A Invenção da Profissão de Musicoterapeuta. Marcello da Silva Santos/RJ.¹

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir com uma reflexão sobre a formação do coletivo designado musicoterapeutas, trazendo para o campo teórico de estudo do mesmo a Psicossociologia de Bruno Latour, que utiliza o que chamamos de sociedade, social ou categoria, não como ponto de partida, mas ponto de chegada, utilizando para isso um dos vestígios dessa rede constituinte desse coletivo, o Projeto de Lei 25/2005, que regulamenta a profissão de musicoterapeuta. Dessa materialidade irão emergir as falas dos atores e porta-vozes dessa rede, permitindo o mapeamento de suas controvérsias, elementos fundamentais na compreensão das afirmações se transformando em fatos.

Palavras-chave: profissão de musicoterapeuta – coletivo – rede

Acompanhar, descrever, apontar. Com essa difícil missão e valendo-nos de algumas ferramentas latourianas, pretendemos cartografar os movimentos de constituição de uma profissão: musicoterapeuta. Em seu "Ciência em Ação", Bruno Latour (2001) propõe um método dinâmico para estudar a ciência, não como um produto acabado, mas como efeitos de processos de construção, com história marcada não pelas descrições duras, mas por passionalidades, incertezas, escolhas, afectos, alianças, micropolíticas, acasos.

Uma pista inicial para o pesquisador com essa missão deve ser "descrever bem". E para essa descrição satisfatória, faz-se necessário também escolher uma boa porta de entrada em seu objeto de estudo, um acesso em que este ainda não tenha se tornado uma verdade inquestionável, um fato ou, nas palavras de Latour, uma caixa-preta. A entrada pela porta dos fundos permitiria a percepção do fato em construção, como uma rede de materiais heterogêneos na qual contexto e conteúdo estão completamente indissociados, permitindo-nos um olhar estratégico através do qual as divisões modernas entre natureza e sociedade, sujeito e objeto possam ser problematizadas.

A rede é certamente uma ferramenta essencial desse método etnográfico que não parte de configurações predeterminadas, mas de uma sobreposição de heterogeneidades cujo relevo sempre mutável nos cabe seguir. A matéria dessa rede consiste basicamente de controvérsias. Pensar em rede é poder verificar quanta energia, movimento e minúcias nossa narrativa pode capturar. Trata-se de um conceito que prepara o texto para abrigar o revezamento de atores como mediadores, sempre apoiada por uma descrição adequada, como veremos. É uma ferramenta para ajudar na descrição e na narrativa.

¹ Músico profissional, Psicólogo formado pela UFRJ, Especialista em Musicoterapia pelo CBM-CEU, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Programa EICOS da UFRJ. É professor da pós-graduação em Musicoterapia do CBM-CEU. É mestre e doutorando em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo EICOS, onde desenvolve trabalho teórico sobre a emergência da Musicoterapia como profissão sob a ótica das redes. E-mail: santosmarcello@globo.com

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4799047J8>